

POR FAVOR LEIA COM ATENÇÃO

COMO GUARDAR O TEXTO

Para guardar este texto (incluindo dados adicionais) seleccione a opção GUARDAR (em inglês, SAVE) no seu browser (Explorer, Navigator...), dentro do menu FICHEIRO (em inglês, FILE).

Na opção GUARDAR COMO (em inglês, SAVE AS), também no menu FICHEIRO, poderá guardar o texto e atribuir um novo nome.

COMO IMPRIMIR O TEXTO

Para imprimir este texto (incluindo dados adicionais) seleccione a opção IMPRIMIR (em inglês, PRINT) no seu browser, dentro do menu FICHEIRO (em inglês, FILE).

Também poderá aceder a esta função seleccionando o botão de impressão (com a imagem de uma impressora), disponível na barra de ferramentas.

NOTA IMPORTANTE

Para voltar ao artigo [não feche esta janela](#). Utilize o botão do browser RETROCEDER (em inglês, BACK), situado no lado esquerdo da barra de ferramentas.



As relações comerciais com Espanha

João Dias *

Janus 99-00

As relações comerciais entre Portugal e Espanha, durante as últimas cinco décadas, podem dividir-se nas seguintes fases, sugeridas pelos gráficos (ver Infografia).

1. Até meados dos anos 60. Neste período, o peso da Espanha no comércio externo de Portugal é muito baixo, representando apenas, em média, 1% entre 1951 e 1961, quer para as exportações quer para as importações. A taxa de cobertura das importações pelas exportações é, com poucas exceções, superior à que se verifica com os restantes países, vindo mesmo a balança comercial excedentária nalguns anos. Esta situação de equilíbrio da balança comercial não se voltará a repetir depois de 1964.
2. Desde meados dos anos 60 até à entrada na CEE. Neste período verifica-se um crescimento constante, embora não muito acentuado, do peso da Espanha nas importações, mas estabilização ou ligeira tendência de crescimento, acelerado no final do período, no caso das exportações. Agora, o peso da Espanha nas importações é sempre superior ao seu peso nas exportações e a taxa de cobertura passa a ser sempre inferior ao verificado no comércio total. Desde os finais dos anos sessenta até ao início da década de oitenta, as exportações dirigidas a Espanha apenas permitiam pagar cerca de um quarto das importações provenientes daquele país.
3. 1986-1991. Efeito fortíssimo da integração dos dois países na CEE. O peso da Espanha nas importações e nas exportações passa de cerca de 5% no início do período para 15% no final do período de transição, registando-se um comportamento paralelo das importações e das exportações. A taxa de cobertura tem uma recuperação razoável, com o máximo de 61% em 1990, muito próximo da taxa de cobertura do comércio com todos os países (65%).
4. 1992 -... Terminada a fase de transição, as empresas exportadoras portuguesas parecem ter esgotado o potencial do mercado espanhol. Mas isso não se verificou relativamente ao aproveitamento do mercado nacional por parte dos exportadores de Espanha. A partir de 1991/92 há uma quebra brusca na evolução das exportações para Espanha pelo que, até 1998, o peso deste país nas exportações portuguesas estabilizou nos 15%. Todavia, o seu peso nas importações continuou a processar-se a um ritmo semelhante ao observado no período de transição, pelo que a Espanha ocupa já o primeiro lugar destacado nas importações nacionais, com cerca de um quarto do total em 1998. Naturalmente, como consequência da evolução divergente das exportações e das importações a taxa de cobertura degradou-se, caindo para 43% em 1998, elevando também para mais de 40% o peso da Espanha no défice global da balança comercial portuguesa.

A comparação entre as taxas de crescimento das trocas com Espanha e com os



restantes países permite também destacar os efeitos da integração e as alterações pós Mercado Único. Durante o período 1970-85, as trocas comerciais com Espanha evoluíram a um ritmo superior ao verificado com o resto do mundo. Este contraste será, no entanto, muito mais intenso no período 1985-91, onde as exportações para Espanha crescem a uma taxa quase tripla da que se registou com os restantes países e as importações provenientes de Espanha cresceram a uma taxa dupla da de outras origens. Note-se que as exportações para Espanha expandiram-se a uma taxa superior à das importações provenientes daquele país, contrariamente ao comércio com outros mercados, onde as importações cresceram mais que as exportações.

Todavia, a alteração mais relevante e que importa aqui realçar é a que se traduz no fortíssimo contraste entre este período e o período pós-transição/pós-Mercado Único. Agora, as exportações para Espanha crescem a uma taxa (6%) que é metade da das importações (12%) provenientes deste país e aquela taxa de crescimento é mesmo inferior à registada nas exportações para outros destinos (7%). Além disso, tem-se aqui uma dinâmica exactamente inversa da registada nas trocas com o resto do mundo, onde as exportações cresceram a uma taxa que é mais de duas vezes a das importações.

A decomposição das trocas comerciais de produtos manufacturados entre Portugal e Espanha revela que a sua intensidade em tecnologia é ainda baixa. Assim, tomando a média do período 1995-97, apenas 6% das exportações de Portugal para Espanha se enquadram numa classificação de "alta tecnologia", percentagem que sobe para 16% do lado das importações. Naturalmente, a Espanha, apesar de ser um país já mais desenvolvido, não é radicalmente diferente de Portugal em termos tecnológicos, pelo que a integração do mercado ibérico significa, em larga medida, concorrência dos produtores de Espanha e Portugal em gamas de produtos similares.

Neste mercado integrado, a agressividade de Espanha nos últimos anos tem-se revelado superior à de Portugal em quase todos os sectores. Nos gráficos (ver Infografia) comparam-se as dinâmicas das importações e exportações de Portugal de (para) Espanha, por sectores construídos a partir de uma nomenclatura mais desagregada (exclui-se energia). Apenas nos casos de "móveis e artigos de madeira", "pasta de papel e papel" e "minerais" – sectores directamente ligados a recursos naturais –, a dinâmica das importações de Espanha nos últimos anos não ultrapassou a das exportações para aquele país. Mesmo no caso dos tradicionais "têxteis e vestuário" começam a registar-se algumas dificuldades concorrenciais.

Os resultados do primeiro período pós-integração vieram desmentir algumas previsões catastrofistas para a economia portuguesa, em particular para a indústria, decorrentes da entrada do país na CEE. Um dos principais efeitos da adesão envolveu a normalização das relações comerciais com Espanha e o primeiro embate foi positivo. Todavia, o aprofundamento da integração ibérica no contexto da União Europeia parece revelar algumas debilidades competitivas das empresas portuguesas face às espanholas.

A continuação das tendências observadas nos últimos anos, com crescimento muito mais acentuado das importações do que das exportações não é o único cenário de evolução possível. Mas não restam dúvidas que as empresas nacionais precisam



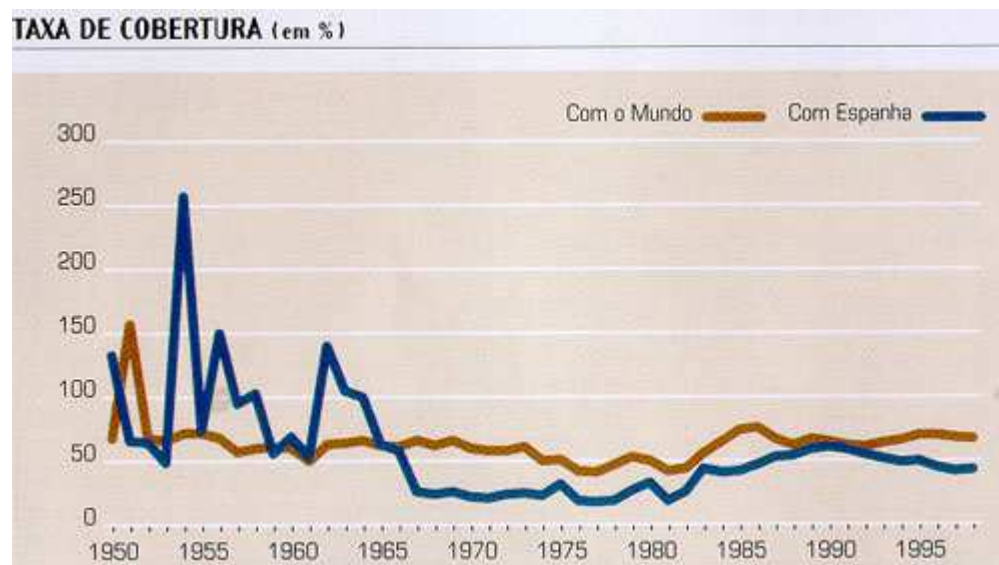
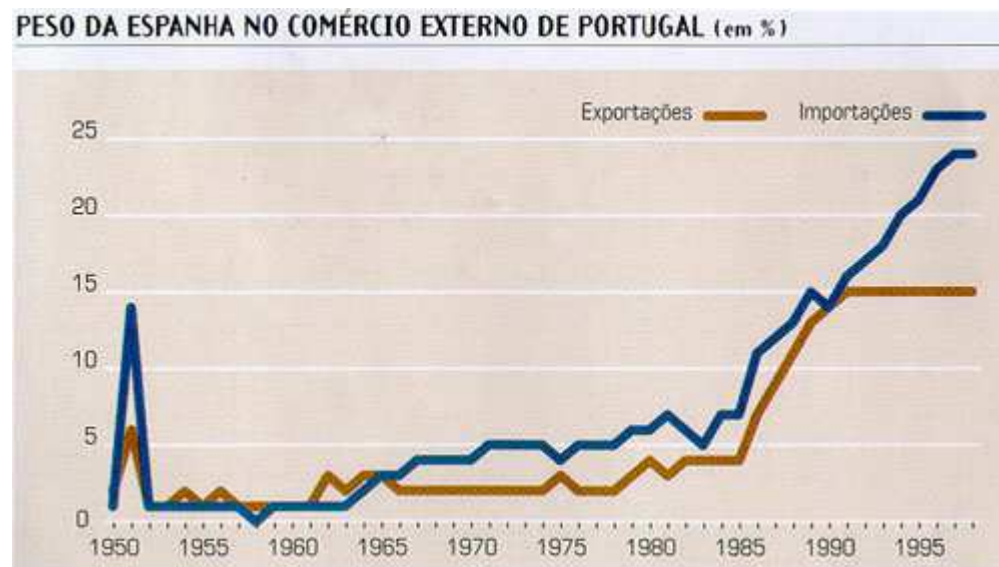
rapidamente de adquirir outro dinamismo, num contexto de pressão concorrencial crescente, de globalização e de integração regional e onde conceitos como qualidade, produtividade, inovação e tecnologia assumem papel cada vez mais importante.

***João Dias**

Doutorado em Economia pelo ISEG. Docente no ISEG.



Infografia





COMÉRCIO PORTUGAL ESPANHA: IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES POR SECTORES (1980-96 - em milhões de US\$)

Fonte: sectores construídos a partir de dados do CEFPI/Chelim

